

---

## Uma risada livre no jornalismo português. *Viver pela Liberdade*. Maria Antónia Palla, Patrícia Reis

Maria Inácia Rezola

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cp/910>

DOI: 10.4000/cp.910

ISSN: 2183-2269

### Editora

Escola Superior de Comunicação Social

### Refêrencia eletrónica

Maria Inácia Rezola, « Uma risada livre no jornalismo português. *Viver pela Liberdade*. Maria Antónia Palla, Patrícia Reis », *Comunicação Pública* [Online], Vol.10 nº17 | 2015, posto online no dia 30 junho 2015, consultado o 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cp/910> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cp.910>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 setembro 2020.



Comunicação Pública Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

---

# Uma risada livre no jornalismo português. *Viver pela Liberdade*. Maria Antónia Palla, Patrícia Reis

María Inácia Rezola

---

## REFERÊNCIA

*Viver pela Liberdade*, Maria Antónia Palla com Patrícia Reis, Lisboa, Matéria-prima edições, 2014, (268 páginas), ISBN 9789898461964

- 1 Na sua obra *El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad contemporánea*, Leonor Arfuch assinala como nos anos 80, na América Latina, se verificou um “sustentado e renovado interesse pelas infinitas matizes de narrativa vivencial” (Arfuch, 2002, p. 17). Segundo a autora, esta expansão do “espaço biográfico” (em que inclui géneros “convencionais”, como a biografia, a autobiografia, o diário íntimo e as memórias, mas também géneros “emergentes”, como as entrevistas, os retratos, os testemunhos, os *talk-shows* e mesmo os *reality shows*) corresponde a uma nova etapa evolutiva da cultura contemporânea que se caracteriza pela exaltação do vivencial e pela recuperação das experiências pessoais como valor privilegiado para a construção do sujeito social.
- 2 De facto, depois de décadas remetidas para a periferia dos estudos literários e históricos, as narrativas confessionais adquiriram na actualidade grande sucesso. Se o Século XX pode ser descrito como o “Século das Memórias”, a verdade é que foi sobretudo nas suas últimas décadas que o desejo inato do homem de conhecer a vida de outra pessoa fez movimentar o mercado editorial.
- 3 Não existe qualquer dúvida de que o livro *Viver pela Liberdade* se enquadra nesta tendência. No entanto, é difícil integrá-lo num único género, dado que em rigor não se trata de um livro de memórias, nem de uma autobiografia ou de uma entrevista *stricto sensu*. *Viver pela Liberdade* apresenta-se como um livro de Maria Antónia Palla com Patrícia Reis. Maria Antónia prefere chamá-lo uma “reportagem” sobre a sua vida.

Na prática, trata-se de um livro de memórias, das memórias de Maria Antónia Palla passadas ao papel pela jornalista e escritora Patrícia Reis. O sucesso da parceria está bem plasmado na obra que dela resultou, sendo por vezes difícil destrinçar vozes e registos.

- 4 O primeiro capítulo do livro é dedicado ao dia 25 de Abril de 1974. Maria Antónia, então jornalista d’*O Século*, vive os acontecimentos do Carmo “por entre populares, que entretanto haviam enchido as ruas” (p. 21), e, pela primeira vez, escreve em liberdade. O mote está dado: liberdade é provavelmente a palavra-chave deste livro, desta vida como uma narrativa. Presente no título – *Viver pela Liberdade* –, é também a palavra destacada pela prefaciadora da obra, Inês Pedrosa: “Muitos usam a palavra Liberdade. Muitíssimos se servem dela. Raros são os que a servem – Maria Antónia Palla é um desses seres de excepção” (p. 13).
- 5 Na badana do livro a sua biografia é reduzida a cerca de 800 caracteres: “Maria Antónia Palla nasceu, em casa dos avós paternos no Seixal, em 1933. Frequentou o Liceu Francês em Lisboa. Licenciou-se pela Faculdade de Letras em Ciências Histórico-Filosóficas. Iniciou a sua carreira no *Diário Popular*. Seguiu-se *O Século Ilustrado*, a *Vida Mundial*, a *ANOP* e a *Capital*. Foi cronista do *Diário de Notícias*, grande repórter da RTP e chefe de redação da revista *Máxima*. Maria Antónia trabalhou ainda no Sindicato Jornalista. Foi a primeira mulher vice-presidente do sindicato, membro eleito do Conselho de Imprensa; Presidente da Liga dos Direitos das Mulheres e dirigente do Fórum Português para a Paz e Democracia em Angola. É uma das fundadoras da Biblioteca Feminista Ana de Castro Osório, núcleo especializado da biblioteca municipal de Belém. Autora de vários livros dos quais se destaca *Revolução, meu amor e Só acontece aos outros*. É Comendadora da Ordem da Liberdade”. Apesar de rigorosa, esta nota biográfica está longe de nos retratar o percurso de vida que emerge das quase 300 páginas que fazem este livro.
- 6 Maria Antónia Palla recorda com grande detalhe as suas origens e a intimidade familiar, e uma vida intensa, sempre recheada de amizades. Assume-se como uma mulher de convicções fortes e persistente, com o espírito de Scarlett O’Hara, um “sempre em pé”: “Vou-me abaixo muitas vezes, chego ao fundo, mas acabo sempre por voltar para cima” (147). Uma mulher que quebra convenções, não hesitando em casar apenas pelo civil em plena década de 50, sem véu nem grinalda e com um vestido vermelho.
- 7 Este é um livro que narra uma história de vida que nada tem de banal e que encerra várias histórias e vários tempos. Uma vida de causas e lutas, que nos transporta pelos momentos mais marcantes da história do século XX português, da ditadura à democracia. Movendo-se, desde cedo, nos meios intelectuais e oposicionistas, Maria Antónia lutou pela liberdade (a sua e a dos outros), pelos direitos das mulheres e pelo direito à palavra, que sempre usou como uma arma. Mas foi no jornalismo que se descobriu e realizou. Por isso recorda com particular emoção o momento em que, com oito ou nove anos, o avô paterno a levou ao jornal *República*, e a sua surpresa “com tudo o que existia na redacção, na tipografia, os ruídos e os cheiros” (p. 106).
- 8 Maria Antónia entra no jornalismo numa época em que esta era claramente uma profissão de homens e envolve-se apaixonadamente. Esta paixão pelo jornalismo está patente na forma como descreve o ambiente vivido nas redacções das publicações em que trabalhou, as suas primeiras reportagens e entrevistas, a evolução das práticas jornalísticas, a atmosfera do Bairro Alto e os meios por onde se moviam os jornalistas. Profissional comprometida, explica como era escrever em ditadura e como “aprendeu a escrever para a Censura, confiando na cumplicidade dos leitores que sabiam ler nas

entrelinhas” (p. 146). Nos momentos mais quentes da Revolução de 1974-1975, “foi uma das poucas que tomou posição pública contra a corrente que se reclamava do «poder popular» e da «ditadura do proletariado»” (p. 164). Uma posição destemida que volta a assumir depois da consolidação da democracia, nas novas frentes de batalha em que se envolve mas também na decisão de partilhar a sua vida.

- 9 Numa das suas obras de referência, o historiador francês Jacques Le Goff chama-nos a atenção para o facto de que, “*tal como o passado não é a história mas o seu objecto, da mesma forma a memória não é a história, mas sim um dos seus objectos, sendo também um nível elementar de elaboração histórica*” (Le Goff, 1988, p. 221). Sendo um dos “lugares da memória”, a história não se reduz a ela, obedecendo a metodologias próprias, em que a crítica e a análise são peças centrais. No entanto, numa sociedade em que, como diz Eric Hobsbawm, as gerações mais jovens vivem numa espécie de “presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem” (Hobsbawm, 1996, p. 15), a história e a memória assumem uma relevância inusitada. Ainda que geradoras de espaços diferenciados de saber, a estreita colaboração entre ambas é hoje mais pertinente do que nunca.

---

## BIBLIOGRAFIA

Arfuch, L. (2002). El espacio biográfico, Dilemas de la subjetividad contemporânea. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

Hobsbawm, E. (1996). A era dos extremos. Breve história do século XX (1914-1991). Lisboa: Editorial Presença.

Le Goff, J. (1988). Histoire et Mémoire. Paris: Editions Gallimard.

## AUTORES

### MARIA INÁCIA REZOLA

Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa  
irezola@escs.ipl.pt